TAKE A DEEP BREATH

ONCE YOU PUT YOUR HAND IN THE FLAME

YOU CAN NEVER BE THE SAME

Pegasus Lançamento

Apresenta

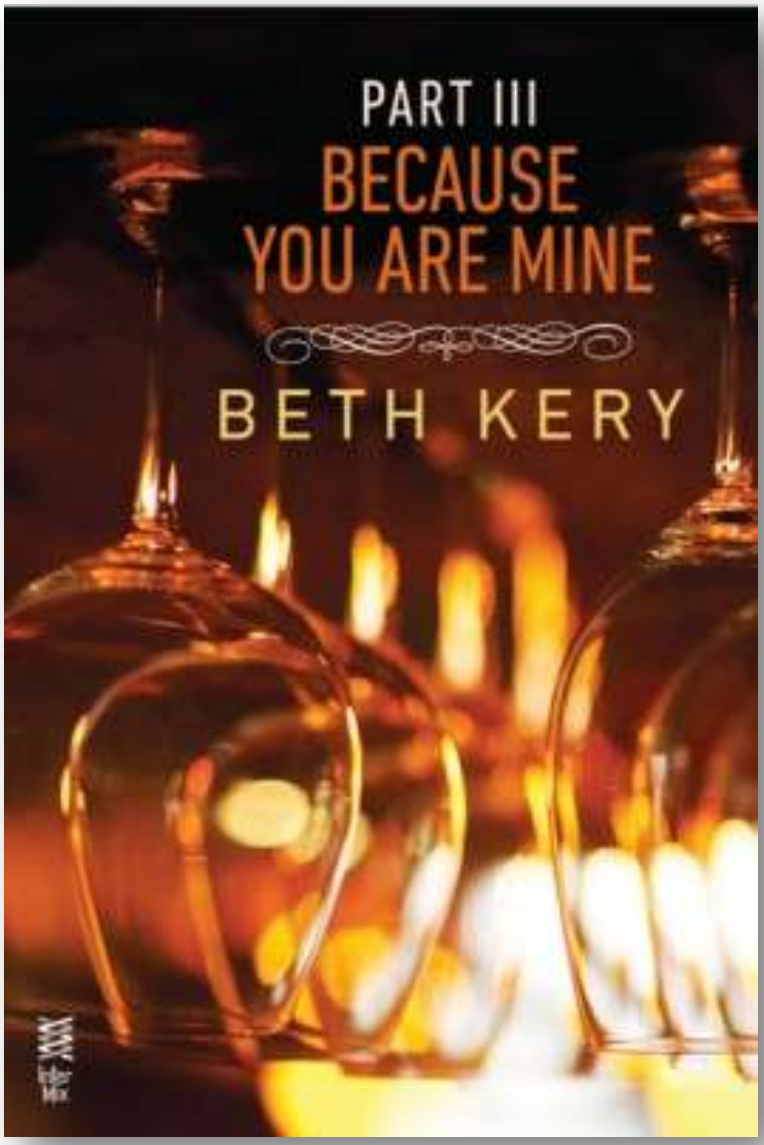
Mais uma tortura

PORQUE VOCÊ É MINHA

PARTE III

PORQUE VOCÊ ME PERSEGUE

(BECAUSE YOU ARE MINE)



Beth Key

EQUIPE PL

Disponibilização: Soryu

Tradução: Márcia de Oliveira

Revisão Inicial: Raquel

Revisão final: Carla Noble

Leitura Final: Soryu

Comentários

“Uma história que te segura do início ao fim, (clichê) é apaixonante e viciante mesmo... Você quer sempre mais... quando termina um capítulo você se pergunta... e agora?!?!?! OMG... quero saber, quero saber o que acontece!!!!”

— Revisora Raquel

"Que história mais empolgante e enervante minha gente! Mais posso dizer com certeza que me apaixonei pelos personagens. Pela ingenuidade de Francesca e até mesmo pela sua beleza, ela é linda, inteligente, e talentosa. É uma mocinha com suas neuras e traumas que não vivia num conto de fadas mais nem por isso se deixou abater e seguir com sua vida. E assim ela conheceu Ian Noble.

Ah o Ian... Que homem delicioso!!! E que homem impetuoso, inteligente, rico, ai ai ai o que mais dizer sem estragar a leitura? Bom mais o que mais me marcou no Ian foi sua maneira em encantar a Francesca, em um dos livros ele a leva pra jantar e ela com suas neuras sobre sua beleza ele fala uma frase que me marcou e que me fez desejar ardentemente que meu marido pensasse assim...

Meninas leiam e se deliciem com esse romance ardente, apaixonante, e um pouquinho de BDSM. E que todas possam encontrar seus Ian Noble..”

— Revisora Carla Noble

“Um romance maravilhoso, que conta a historia de um homem com um passado sombrio:

Ian Noble, um viciado em trabalho que vive na solidão, e acha que não é digno de amor, guarda um segredo obscuro, ele é praticante de BDSM, um dominador nato que busca submissas, sem grandes relacionamentos, que satisfarão se grande desejo!

Seu mundo muda, completamente ao conhecer Francesca Arno, uma jovem perturbada com baixa auto estima, de grande beleza.

Os dois se conhecem e é paixão a primeira vista. Um desejo tordido e cruel. Invade a alma dos nossos protagonistas.

Francesca Arno não é uma mulher comum é uma artista e arquiteta, que vive cheia de duvidas e retrações devido a uma infância e adolescente conturbada. Ela sente que não pertence a nenhum lugar, e dentro do seu ser pensa que necessita de alguém que tome todas as rédias do seu destino.

Francesca não sabe mas ela é uma submissa NATA!

Então deslumbramos o encontro de um maniaco por trabalho e controle e uma mulher que anceia ser amada e controlada...

São oito romances, que apresentam como duas pessoas diferentes, cheias de problemas conseguem se organizar e manter um novo romance...

É um romance bom? Sim é! Vale apena ler!

É um romance viciante, gostoso, muito diferente do que se acha por ai!

É como uma novela nos ultimos capitulos depois que você começa a ler, não consegue parar!

E um grande lançamento, e espero que vcs apreciem tanto como eu"

— Revisora Soryu

"Uma historia realmente perversa" – Jaci Burton

"Essa historia é tão quente que faz fumaça nas paginas" – Fallen Angel Reviews

"Um dos melhores romances eróticos que eu já li" – All About Romance

"Minhas sobrancelhas quase chamuscaram" – Dear Author

Sinopse

Sabendo o quão inocente Francesca é, Ian se encontra lutando com a decisão de persegui-la ou não. Mas ele tem que tê-la. Porque quando se trata desta particular obsessão, desejo supera toda a cautela.

Incomodada por seus próprios desejos, Francesca evita Ian até que ele a confronta com uma proposta tentadora: uma relação puramente física - sua recompensa, sedução e prazer proibido. Pode ser um erro, mas sua necessidade de Ian não pode ser negada. De repente, ela vai à Paris, dominada pela beleza da cidade, pelo homem irresistível ao seu lado, Francesca abandona todas as reservas e, finalmente, abre-se para o homem que tem assombrado suas fantasias.

Capítulo Cinco

Dois dias depois, Ian olhava da janela de sua limusine enquanto Jacob Suarez virava em uma rua repleta de tijolos sofisticados. Um associado havia informado que David Feinstein tinha herdado a residência de seus pais falecidos, Julia e Sylvester, mas David provavelmente tinha recursos para manter sua residência em Wicker Park por conta própria. A Galeria de arte Feinstein estava indo muito bem. Aparentemente, o colega de quarto de Francesca possuía um excelente gosto e um bom senso para o negócio junto com requinte e tranquilidade, de forma que atraía muitos ricos conhecedores de arte.

Ian também ficou extremamente aliviado ao saber que David ou —Davie—, como Francesca o chamava, era gay. Não que as preferências sexuais de seus companheiros de casa importassem muito, Ian pensou, quando Jacob chegou a um impasse. Ele descobriu por si mesmo na outra noite que os colegas de quarto de Francesca realmente não tocaram no que não deviam.

Ele descobriu por si mesmo, que ele tinha tocado em algo não deveria, acrescentou para si mesmo, com o resultado deste pensamento, seu rosto virou uma carranca no momento que o motorista abriu a porta do carro para ele.

A imagem da expressão abalada de Francesca quando ela tinha deixado seu quarto na outra noite queimou sua consciência, pela milésima vez. Ele assistiu, fumegando em silêncio, enquanto ela fugia do apartamento, querendo impedi-la, mas sabendo pela expressão fixa, obstinada em sua cara bonita que ela não iria ouvi-lo naquele momento. Ele tinha ficado furioso com ela por colocá-los nesta situação, e furioso consigo mesmo por ver apenas o que achou conveniente.

Sim, ele sabia que ela era inocente, mas não a esse ponto. Ele sabia que o melhor era apenas deixá-la ir. Para seu próprio bem.

No entanto, ele estava aqui.

Ele bateu na porta de madeira verde escura pintada com uma estranha sensação de resignada determinação. De onde vinha essa estranha obsessão? Será que tinha a ver com o fato de que Francesca o tinha capturado inconscientemente em sua pintura anos atrás? Sua interpretação dele tinha sido fugaz, mas alarmantemente concisa.

Ele queria tanto puni-la e possuí-la, por sua infração inocente.

Ele descobriu pela Sra. Hanson que Francesca não foi a cobertura para pintar. Ela estava evitando sua residência e isso o deixou irracionalmente bravo, nem mesmo sua lógica conseguiu acalmar a emoção. Ian ainda não tinha decidido, quando bateu novamente na porta, se veio para pedir desculpas e garantir a Francesca que ela nunca mais iria ser incomodada por suas atenções, ou se veio convencê-la a todo custo a deixá-lo tocá-la novamente.

Ele não estava costumado com o atrito de sua ambivalência isso o deixava tão tenso e frustrado, mesmo Lin, que normalmente era um bálsamo para seu ocasional mau humor, fugia dele como um furacão de categoria cinco.

A porta da frente se abriu e um homem de cabelos castanhos de estatura mediana, que parecia mais jovem do que seus 28 anos, olhou-o com ar de assombro. Ele devia ter chegado recentemente da sua galeria, porque estava vestido a trabalho em um terno cinza escuro.

—Estou aqui para ver Francesca—, afirmou Ian.

Davie olhou para o interior da casa, ansioso, mas depois acenou com a cabeça e deu um passo atrás, dando concessão de entrada a Ian. Ele o levou para uma sala de estar decorada com bom gosto.

—Sente-se. Vou ver se Francesca esta em casa—, disse Davie.

Ian balançou a cabeça e desabotoou o casaco, antes de perceber distraidamente pegou um catálogo da almofada ao lado dele, prestando atenção em todos os sons na grande sala, não ouvindo passos na escada. As páginas do catálogo estavam dobradas para trás, como se alguém tivesse recentemente estudando o conteúdo. Era uma lista de quadros que seria vendida numa casa de leilão local.

Davie reentrou na sala de estar um minuto depois. Ian olhou para cima e deixou o catálogo.

—Ela diz que está ocupada—, disse Davie, olhando vagamente desconfortável com a sua missão de mensageiro.

Ian balançou a cabeça lentamente. Era o que ele esperava.

—Por favor, poderia dizer a ela que vou esperar até que ela não esteja ocupada?

O pomo de adão de Davie apareceu quando ele engoliu. Ele deixou a sala sem responder novamente e voltou um minuto depois, ainda sem Francesca. Ele deu uma careta de desculpa. Ian sorriu e se levantou.

—Não é sua culpa—, assegurou. Ele estendeu a mão. —Sou Ian Noble, por sinal. Nós nunca fomos devidamente apresentados.

—David Feinstein,— disse Davie, apertando sua mão.

—Quer sentar comigo um pouco enquanto espero?— Ian perguntou.

Davie parecia um pouco perplexo com a sugestão de que Ian, de fato, estava, mas era educado demais para discutir. Ele se sentou em uma cadeira em frente à mesa de café.

—Eu posso entender por que ela está com raiva de mim—, disse Ian, cruzando as pernas e mais uma vez de pegando o catálogo.

—Ela não está chateada.

Ian encarou Davie, pelo comentário.

—Ela está furiosa. E magoada. Eu nunca a vi tão mal.

Ele fez uma pausa, esperando que a picada da honestidade de Davie desaparecesse. Por alguns segundos, nenhum dos dois falou.

—Eu a tratei de uma maneira que não deveria—, Ian admitiu finalmente.

—Então você deveria ter vergonha—, disse Davie, a raiva aparecendo em sua voz calma. Ian lembrou que ele tinha dito algo semelhante a Davie e aos outros dois companheiros de quarto de Francesca no estúdio de tatuagem.

—Eu estou—, Ian disse, ouvindo atentamente. Ele fechou os olhos brevemente em pesar sobre o que ouviu. Ele pensou na frescura de Francesca na outra noite, sua doçura. A memória da sua buceta ficou de alguma forma alojada em seu cérebro como um vírus tenaz, apenas tornando-se mais viva enquanto ele tentava se livrar dele: o sedoso cabelo rosa ouro entre suas flexíveis coxas brancas; cremosos, lábios

rechonchudos, a mais lisa, estreita pequena fenda que ele já tocou. Ele se lembrou de espancá-la e como ele adorou... como ela adorou.

—Infelizmente—, continuou ele, dirigindo a Davie, —minha vergonha não foi suficiente para me manter longe. Estou começando a pensar que nenhuma quantidade seria capaz.

Davie o olhou assustado. Ele limpou a garganta e se levantou.

—Talvez eu vá ver como Francesca se sente sobre... o projeto que ela está trabalhando.

—Não se incomode. Ela não está mais aqui,— Ian murmurou.

Davie deu uma segunda olhada e parou ao lado de sua cadeira.

—O que você quer dizer?

—Ela escapou pela porta dos fundos cerca de vinte segundos atrás, se não me engano—, disse ele, folheando as páginas do catálogo. Ele se aproveitou do choque aparente de Davie perguntar.

—Seu?— Ian perguntou.

Davie assentiu.

—Eu imagino o que você deve sentir quando o olha. Quando Francesca o pintou?

Davie piscou e parecia voltar a si mesmo.

—Cerca de dois anos atrás. Vendi-o na Feinstein no ano passado. Eu estava feliz por vê-lo voltar no mercado de leilões. Eu gostaria de

recuperá-lo, vendê-lo por um preço que é digno da peça, e dar o lucro extra de volta a Francesca.— Ele franziu a testa. —Ela teve que vender muitos de seus quadros ao longo dos anos por praticamente nada. Odeio pensar que ela deve ter deixado alguns deles antes de eu conhecê-la. Francesca estava vivendo precariamente por anos antes de nos tornamos amigos. Eu posso não ter sido capaz de vender seu trabalho pelo preço que acho que vale a pena, já que ela ainda é relativamente desconhecida, mas pelo menos dei a ela mais do que o preço de um saco de mantimentos.— Ele acenou para o catálogo. —Se eu conseguir obter esta peça em particular, estou convencido de que posso vendê-lo por um preço excelente. Francesca está começando a fazer um nome para si mesma nos círculos de arte. Tenho certeza de que o prêmio que ela ganhou de você, e do reconhecimento posterior, tem ajudado-a.

Ian levantou-se e abotoou o paletó.

—Estou certo de que seu apoio em também tem ajudado-a. Você tem sido um bom amigo para ela. Você poderia me dar seu cartão? Há algo que gostaria de falar com você, mas estou atrasado para uma reunião.

Davie parecia distintamente indeciso, então colocou a mão no bolso com o ar de um homem que teria que confessar uma coisa importante para um ente querido.

—Obrigado—, disse Ian, aceitando o cartão.

—Francesca é uma pessoa maravilhosa. Eu acho... Eu acho que seria melhor se você ficasse longe dela.

Ele estudou a expressão ansiosa, mas determinada de Davie por vários segundos. Davie desviou o olhar, desconfortável. O amigo de Francesca viu muito mais com aqueles olhos suaves, cujos os quais ele deve

normalmente usar com os seus abastados clientes. Uma amargura subiu nele, a sua própria falta de decência.

—Você está, sem dúvida, certo—, Ian disse assim que ele começou a se mover em direção à porta, incapaz de manter a nota de resignação em seu tom. —E se eu fosse um homem melhor, seguiria esse conselho.

***

Isto é onde as coisas tinham chegado: Ela estava agindo como um ladrão. A pintura tinha a chamado de volta, apesar das circunstâncias insustentáveis que a rodeavam.

Francesca misturou suas cores rapidamente, usando o brilho da lâmpada pequena que tinha colocado sobre uma mesa, a fim de ver, desesperada para capturar o tom exato do céu da meia-noite antes que a luz mudasse. O resto da sala estava envolta em sombra, permitindo-lhe ver melhor os meditativos, edifícios brilhantes contra o pano de fundo de um céu aveludado. Ela parou abruptamente e olhou para a porta fechada do estúdio, esperando tensa, seu coração começou a bater em seus ouvidos no silêncio assustador. As sombras pareciam engrossar e formar-se no fundo da sala, enganando os olhos. A Sra. Hanson assegurou-lhe que ela estaria sozinha de noite na cobertura. Ian estava em Londres, e a Sra. Hanson estava indo visitar um amigo no subúrbio.

No entanto, ela não se sentia sozinha por um segundo desde que saiu do elevador para o território de Ian.

Poderia um lugar ser assombrado por uma pessoa viva? Era como se Ian permanecesse na cobertura de luxo, a sua presença pesando em sua mente, em sua pele, deixando em sua consciência um formigamento como um toque invisível.

Estúpida, Francesca castigou-se, colocando o pincel na tela e fazendo cursos longos, energéticos. Fazia quatro noites desde que ficou nua e exposta no quarto de Ian. Ele tentou entrar em contato com ela. Ele a ligou em várias ocasiões, e tinha havido esse episódio constrangedor na casa dela quando ela correu pela porta dos fundos como uma tola. Ela se sentia esmagada ao pensar em vê-lo novamente... realmente assustada.

Você está com medo do que vai acontecer se vê-lo, ouvi-lo. Você tem medo de que vai acabar pedindo-lhe como uma tola para terminar o que tinha começado na outra noite.

Seu braço fez um movimento de corte na tela. Nunca. Ela nunca imploraria nada aquele idiota arrogante.

O cabelo em seus braços se levantaram, e ela olhou por cima do ombro. Ouvindo e vendo nada fora do normal, ela voltou seu foco para a pintura. Não deveria ter voltado aqui, mas tinha que terminar esta peça. Ela nunca descansaria, se não terminasse, e não porque Ian já tinha pago. Uma vez que a pintura ficava em seu sangue, não lhe dava liberdade até que fosse concluída.

Ela disse a si mesma para se concentrar. O fantasma de Ian, o fantasma dela, a atormentavam.

Você estava lá como uma idiota enquanto ele golpeou-a com uma colher, você se colocou em seu colo, completamente nua, e o deixou bater em você como uma criança.

A vergonha dominou sua consciência. Estava ela tão desesperada, seguindo a maior parte da vida acima do peso, que ter um homem como Ian a desejando mostrava a ela que estava disposta a sacrificar a sua

dignidade? De que outra forma teria se permitido ser humilhada naquela noite? Até onde ela teria ido para satisfazer as vontades de Ian Noble?

Seus pensamentos a mortificavam. Ela atirou a sua angústia sobre a tela, finalmente, encontrou a zona cobiçada de concentração criativa, que procurava desesperadamente. Uma hora mais tarde, colocou de lado sua paleta de pintura e enxugou o excesso de tinta fora de seu pincel. Ela esfregou o ombro para aliviar a tensão de seus constantes movimentos amplos. Seus amigos sempre ficavam surpresos quando ela dizia o quanto desgastante fisicamente pintar um grande peça poderia ser.

O cabelo em sua nuca se arrepiou e seus dedos pararam. Ela se virou.

Ele usava uma camisa branca que se destacava mais claramente nas sombras do que o resto do seu traje escuro. Ele estava sem jaqueta, e as mangas estavam dobradas. O ouro de seu relógio brilhava na escuridão. Ela ficou ali, imóvel, sentindo como se estivesse sonhando.

—Você pinta como se um demônio a possuísse.

—Você fala como se soubesse o que é isso—, ela respondeu com uma voz firme.

—Eu acho que você sabe que eu sei.

A imagem de Ian andando sozinho pelas ruas desertas estalou em sua imaginação. Ela esmagou a onda de compaixão e sentimento profundo que sua memória sempre evocava.

Ela deixou cair a mão de seu ombro dolorido e se virou para ele.

—A Sra. Hanson disse que você estaria em Londres esta noite.

—Eu fui chamado de volta mais cedo para uma emergência.

Ela apenas olhou para ele por um momento, sem palavras, vendo as luzes do horizonte refletido em seus olhos.

—Eu vejo—, ela finalmente disse, virando-se. —Eu estou indo embora.

—Quanto tempo você pretende me evitar?

—Enquanto você existir?— Ela respondeu rapidamente. Ouvindo a ponta de raiva na voz dele agiu como um fósforo aceso para sua própria fúria e confusão. Ela a se afastar dele, com a cabeça abaixada, mas ele estendeu a mão e envolveu sua mão ao redor de seu braço, impedindo-a.

—Deixe-me ir.— Sua voz parecia irritada, mas ela ficou horrorizada ao sentir as lágrimas queimarem em seus olhos. Já era ruim o suficiente vê-lo novamente, mas por que ele tem que fazer isso com ela? Pegando-a inconsciente e vulnerável? —Porque você não pode me deixar em paz?

—Eu gostaria, se pudesse, confe em mim—, respondeu ele, com a voz tão fria como gelo num inverno rigoroso. Ela se moveu para escapar, mas ele firmou seu aperto, trazendo-a ao lado de seu corpo. A próxima coisa que ela sabia era que seu rosto estava pressionado contra a camisa e peito duro, seus braços a cercava.

—Sinto muito, Francesca. De verdade.

Por um momento, ela perdeu toda a sua vontade e se inclinou para ele, dando-lhe o seu peso, aceitando a sua força e calor. Seu corpo estremeceu de emoção. Ela se concentrou na sensação de sua mão

acariciando seus cabelos. Mais tarde, quando ela analisou seu lapso temporário, percebeu que tinha sido o seu tom de voz que tinha feito. Ele soou tão estéril e sem esperança e tão desesperado como ela se sentia. Ele não era o cara mau, ela admitiu. Ele não tinha humilhado-a para lhe dar um vislumbre do verdadeiro desejo naquela noite.

Ela estava apenas furiosa com ele porque ele não a quis. O suficiente para ignorar sua inexperiência, de qualquer maneira.

Uma emoção esmagou seu peito. Ela se empurrou contra ele, encontrando o peso de sua necessidade insuportável. Ele soltou-a devagar, ainda mantendo-a dentro do círculo de seus braços.

Ela abaixou a cabeça e secou seu rosto, recusando-se a olhar para ele.

—Francesca.

—Não diga mais nada, por favor—, disse ela.

—Eu não sou o homem para você. Quero deixar isso muito claro.

—Certo. Está claro.

—Eu não estou interessado no tipo de relacionamento que uma menina da sua idade, experiência, inteligência e talento merece. Sinto muito.

Seu coração se partiu ao ouvir aquelas palavras, mas ela sabia que ele estava certo. Era ridículo pensar de outra forma. Ele não era para ela. Quão óbvio poderia ser? Não era o Davie dizia repetidamente nos últimos dias? Ela olhou fixamente para o bolso de sua camisa. Ela queria fugir, desejava ficar lá nas sombras com Ian segurando-a. Ele segurou seu queixo, forçando-a a olhar para ele. Quando ela fez isso com cautela, viu seu ligeiro estremecer.

Ela se soltou de seus braços de repente, odiando a visão de sua pena. Ele pegou seu antebraço, e ela fez uma pausa.

—Eu sou abominável quando se trata de mulheres,— ele soltou. —Eu esqueço datas e compromissos. Sou rude. A única coisa que estou realmente focado em é sexo... e fazer do meu jeito—, afirmou asperamente, fazendo ela parar e o encarar em choque. —Meu trabalho é tudo para mim. Não posso perder o controle da minha empresa. E não vou. Este é quem eu sou.

—Por que você está se incomodando em me dizer isso, então? Por que você veio aqui esta noite?

Seu rosto e maxilar ficaram tensos, como se ele suprimisse dizer algo muito amargo.

—Porque eu não pude ficar longe.

Ela hesitou por alguns segundos, confusa. A memória de sua humilhação na outra noite a assolou, mais uma vez, deixando sua mente em branco.

—Se você não consegue ficar longe, vai ter que encontrar outro artista ou mudar meu espaço de trabalho.

—Francesca, não fuja de mim outra vez—, disse ele, em tom intimidador. Mais uma vez, seus pés vacilaram.

Ela juntou um pouco de sua dignidade suficiente sair pela porta.

***

Várias noites depois, aquela dor vazia ainda permanecia, mas Francesca conseguiu compartimentá-la... Contê-la em sua mente e espírito. Doeu ainda mais quando o telefone tocava e ela viu que Ian estava tentando fazer contato. Custou mais do que ela poderia expressar ignorar essas ligações.

Era bem menos oneroso ignorar seu sofrimento em uma noite de sábado turbulento como uma garçonete no High Jinks. Ela estava tão ocupada, que não teve oportunidade de considerar Ian ou a pintura ou seu pesar quando o salão estava movimentado a toda velocidade por volta das duas horas da manhã. High Jinks era a última parada popular no circuito de bares do Wicker Park Bucktown. Era oferecida para jovens profissionais urbanos e estudantes mais velhos. Enquanto muitos bares fechavam as duas, três, ou quatro, High Jinks ficava aberto até cinco horas da manha nas noites de sábado, servindo devotados clientes e bêbados. Sábado sempre esgotava Francesca, e testava sua paciência, mas ela tentou não perder a oportunidades de trabalho; as gorjetas eram tipicamente três vezes o que ela faria em qualquer outra noite da semana.

Ela colocou a bandeja na prateleira das garçonetes e chamou o proprietário, Sheldon Hays, velho, muitas vezes rabugento, ocasionalmente fofinho como um ursinho de pelúcia, que estava servindo as bebidas esta noite.

—Você vai ter que dizer ao Anthony para mantê-los na porta—, ela gritou por cima da música alta e do barulho da multidão. —Já estamos na capacidade máxima.

Ela tomou um gole do refrigerante soda que manteve na mesa e se inclinou sobre a barra quando Sheldon acenou, como se quisesse dizer algo importante.

—Eu preciso de você para ir até a esquina e comprar todo o suco de limão que eles têm na prateleira—, ele gritou, referindo-se à loja de conveniência local, que permanecia aberta durante toda a noite. —Aquele idiota do Mardock se esqueceu de colocar o suco de limão na ordem de compra, e eu estou tendo chuva de pedidos do drink sidecar.

Ela suspirou. Seus pés já estavam matando-a, e ela não amava a ideia de andar cinco quarteirões. Embora... seria fantástico parar para respirar o ar fresco de outono por alguns minutos e dar a seus tímpanos um descanso da música alta...

Ela assentiu com a cabeça a Sheldon e tirou o avental.

—Diga a Cara para aparecer mais aqui—, ela gritou.

Sheldon acenou e disse para ela não se preocupar, que ele ia cuidar de tudo. Ele entregou-lhe duas notas de vinte da caixa registradora, e ela mergulhou no meio da multidão densa.

Havia apenas quatro garrafas de suco de limão na prateleira da loja de conveniência. A caixa tinha uma aparência sonolenta ergueu-se o suficiente para localizar outra garrafa no quarto de armazenamento. Enquanto caminhava de volta para High Jinks, poucos minutos depois, carregando sua compra, ela notou que a calçada estava cheia de pessoas caminhando em direção a seus carros e na parada do El. Aonde ele estavam vindo? Francesca pensou em confusão quando chegou ao quarteirão onde High Jinks estava localizado. Ela parou na esquina quando viu uma dúzia de pessoas sair do bar, a porta de madeira pesada batendo fechada atrás deles.

—O que está acontecendo no High Jinks?—, Ela perguntou enquanto o trio de homens saia.

—Fogo na sala de armazenamento—, um dos homens disse, seu tom azedo deixando claro que não apreciavam que sua farra de fim de noite estava sendo cortada prematuramente por razões de segurança.

—O que?— Francesca falou, mas os homens apenas passaram e continuaram andando. Ela correu em direção ao bar, alarmada. Ela não sentia qualquer cheiro de fumaça ou ouvia qualquer sirene. O segurança, Anthony, não estava à vista, quando ela abriu a porta e olhou para dentro do estabelecimento.

Não havia ninguém à vista.

Ela parou na entrada do bar, olhando, horrorizada. O bar, que estava recheado de clientes apenas vinte minutos atrás, agora estava completamente vazio e silencioso. Se ela tivesse acabado de entrar na zona de penumbra?

Ela percebeu o movimento atrás do bar. Para sua grande surpresa, ela viu os óculos de Sheldon fazendo calmamente a limpeza.

—O que diabos está acontecendo, Sheldon?— Ela exigiu quando se aproximou. Certamente ele não estaria lá assim indiferente se houvesse um incêndio perigoso no quarto dos fundos?

Seu chefe olhou para ela e colocou um copo de cerveja.

—Eu estava esperando para ter certeza de que voltou bem—, disse ele, enxugando as mãos em uma toalha. —Vou para o meu escritório. Dar-lhe um pouco de privacidade.

—Mas porque...

Sheldon apontou por cima do ombro como se fosse uma explicação. Francesca virou. Ela congelou quando viu Ian sentado em uma das mesas, as longas pernas dobradas a sua frente. Um grande divisória havia o bloqueado de seu ponto de vista quando ela entrou. Seu coração quase saiu pela boca. Mesmo através de seu choque, ela registrou que ele estava vestindo calça jeans e que havia uma sombra de barba em sua mandíbula. Ele não se parecia muito com Ian, um pouco mal vestido, muito perigoso... ainda sexy como o inferno. Estava ele andando pelas ruas sozinho novamente hoje à noite?

Ele a prendeu com seu olhar enquanto esperava calmamente.

—Ele quer falar com você em particular—, Sheldon disse baixinho atrás dela. —Ele deve querer muito. Sinto muito se você não quer falar com ele, mas ele não é realmente o tipo de homem que um cara como eu pode recusar.

—Foi o dinheiro dele que você não pode recusar—, murmurou Francesca acidamente sob sua respiração, ansiedade e irritação reforçando seu tom. O que ele estava fazendo aqui? Por que ele não a deixava sozinha para que pudesse terminar o processo de esquecimento? Ele realmente se deu o trabalho de fechar este bar porque queria falar com ela?

Você nunca vai esquecê-lo. Quem você está enganando? Ela pensou amargamente enquanto se virava para depositar o suco de limão sobre o bar. Sheldon respondeu a sua carranca com um tímido "o que é que um homem como eu pode fazer?"— Deu um olhar antes de caminhar em direção a seu escritório. Ela só podia imaginar o quanto Ian havia pago ao dono do bar para levá-lo a limpar o local em sua noite mais lucrativa.

Ela foi descarregar o saco de supermercado e alinhar as garrafas de suco de limão em cima do balcão, o pescoço picou com consciência de seu olhar sobre ela. Deixe-o aguentar com a inconveniência de ter que esperar por mais alguns segundos. Ele não podia ter tudo no momento em que queria.

Ele esvaziou o bar inteiro só para falar comigo?

Ela silenciou a voz animada em sua cabeça com esforço. Quando ela não conseguia pensar em mais nada a fazer para evitá-lo, virou-se e caminhou lentamente para ele.

—Você foi bem baixo, não? Isso foi um pouco longe para me convencer de que não desdenha o serviço de uma garçonete, não é?— Ela perguntou sarcasticamente quando se aproximou.

—Eu não vim aqui para você me servir. Não esta noite.

Seu olhar disparou furiosamente para encontrar seu olhar em sua insinuação. Ela esperava ver sua diversão habitual suave em seu desafio. Em vez disso, ela viu fadiga e... isso era resignação? Em Ian Noble?

—Sente-se—, disse ele calmamente.

Eles consideravam um ao outro em silêncio por um momento, uma vez que ela tinha mil perguntas dando volta de seu cérebro, mas ela sufocou-as. Ele se comportou escandalosamente, limpando centenas de pessoas do bar e fechando um negócio, a fim de vê-la no preciso momento em que ele desejava isso. Ele teria que ser o único a quebrar o silêncio depois de tudo isso, ela se recusava.

—Não dá mais—, disse ele. —Eu sei que vou te machucar. Sei que há uma boa chance de que você me desprezar... me temer, precisamente. Mas ainda assim não consigo parar de pensar em você. Preciso ter você. Completamente. Frequentemente... a qualquer custo.

Ela escutou seu coração bater em seus ouvidos por vários segundos tensos, tentando controla-se. Como ela poderia ficar tão furiosa com um homem que ainda desejava tanto, como se fosse algo biológico, natural, como respirar?

—Eu não estou à venda—, disse finalmente.

—Eu sei disso. O custo que estou me referindo não pode ser pago com dinheiro.

—O que você está falando?

Inclinando-se para frente, ele descansou o antebraço sobre a mesa. Ele usava uma camiseta de mangas curtas de algodão azul escuro. O Rolex estava ausente. Ela se lembrou vividamente como tinha ficado agitada na primeira vez que viu suas grandes mãos e antebraços musculares. Ela ainda ficava. Mais agora sabia o que ele poderia fazer com elas.

—Eu suspeito que perderei um pouco de minha alma neste negócio com você. Eu já perdi, só pelo fato de estar aqui esta noite—, ele falou atentamente, o olhar aborrecido para ela. —E eu sei que vou pegar um pedaço da sua.

—Você não sabe de nada—, ela respondeu, embora temesse que ele estivesse certo. —Por que você está tão convencido de que vai me machucar?

—Muitas razões—, disse ele, assim, certamente que o seu coração se afundou mais um centímetro. —Eu já te disse uma vez sou um louco por controle. Você sabia que quando vendi a Noble Technology Worldwide, foi me oferecido o cargo de CEO?— Perguntou, referindo-se ao enorme sucesso da empresa de mídia que ele fundou e construiu, em seguida, vendeu. —Era uma posição muito confortável, mas recusei. Sabe por quê?

—Porque você não pode suportar a ideia de um conselho de administração, sendo capaz de vetar suas decisões—, ela disse irritada. —Você tem que estar em total controle em todos os momentos, não é?

—É isso mesmo. Você veio para me entender melhor do que eu tinha imaginado.— Por que seu sorriso estavam tão amargo e satisfeito? —Vou te dizer uma coisa que você deve saber. Eu fiquei com uma virgem uma vez. Ela ficou grávida e acabei casando com ela. Foi uma catástrofe. Ela não podia suportar a minha forma de controle, e não estou falando apenas no quarto, apesar de que essa área era ruim o suficiente. Ela pensava que eu era o pior tipo dos pervertidos.

Seus lábios se separaram em espanto. Há poucas dúvidas, dada a sua expressão intensa, quase com raiva, que ele estava dizendo a verdade.

—O que aconteceu com o bebê?—, ela perguntou, seu cérebro derretendo devido as informações inesperadas sobre a vida de Ian Noble.

—Elizabeth perdeu. Segundo ela, foi por minha causa.

Ela o encarou, vendo o desdém em sua expressão, o tremor de ansiedade em seus olhos. Ele tinha certeza de que Elizabeth estava errada em sua afirmação. Ainda... a semente da dúvida permaneceu.

—Até o fim do nosso casamento, minha esposa tinha medo de mim. Acredito que ela me considerava o diabo encarnado. Talvez ela estivesse parcialmente certa. Mas, principalmente, eu era um idiota. Um tolo de 22 anos de idade.

—E eu sou uma de 23 anos—, ela respondeu.

Sua expressão achatou; ele franziu o cenho. Ela poderia dizer que ele não tinha entendido bem o seu significado. Algum instinto dentro dela a avisou do que ele estava prestes a dizer. O sentimento de afundamento de inevitabilidade que ela também experimentou lhe disse, alto e claro, como ela iria reagir.

Sua boca endureceu.

—Para deixar as coisas claras, quero te possuir sexualmente. Totalmente. Em meus termos. Eu ofereço-lhe prazer e a experiência. Nada mais. Não tenho mais nada a oferecer.

Ela engoliu com dificuldade ao ouvir as palavras que tanto antecipou e temeu.

—Você faz parecer que quer fazer isso me expulsar do seu sistema.

—Talvez você tenha razão.

—Isso não é muito lisonjeiro, Ian,— ela disse, parecendo irritada quando realmente estava magoada.

—Eu não vim aqui para agradar você. Vou fazer essa experiência tão rica e gratificante quanto eu puder, mas não estou lhe oferecendo falsas promessas. Eu a respeito muito, pelo menos—, acrescentou ele em voz baixa.

—E essa experiência vai acabar quando você se sentir completo?

—Sim. Ou sempre que você quiser, é claro.

—Quando será isso? Depois de uma noite? Duas?

Seu sorriso era sombrio.

—Eu acho que pode levar mais tempo do que isso para limpar você da minha mente. Um bom tempo. Mas, novamente, não posso dizer com certeza. Você me entende?

Seu coração agora ameaçava explodir para fora de sua caixa torácica, como se estivesse na linha de frente da guerra que se alastrou dentro dela. Foi um erro, e ela sabia disso. E ainda...

—Sim—, ela disse. A tensão enrolada mais apertada a cada batimento irregular do coração.

—E você concorda com isso?

—Sim.— Que diabos ela estava fazendo?

—Olhe para mim, Francesca.

Ela olhou para cima, com o queixo inclinado em um ângulo desafiador. Seu olhar passou por cima dela, procurando. —Eu disse uma vez antes que você não devia deixar a sua raiva fazer de você uma tola—, ele disse suavemente.

Isto, mais do que qualquer coisa, a enfureceu.

—Se você acha que sou muito criança para tomar uma decisão sábia, então você não devia ter feito a pergunta,— ela ralou fora. —Eu vou te dar a minha resposta. Cabe a você aceitar ou não. É sim,— ela repetiu.

Ele fechou os olhos por alguns instantes.

—Tudo bem—, disse ele depois de um momento, com calma, e foi como se ela tivesse imaginado todo o conflito em si. —Isso está resolvido então. Tenho uma reunião importante em Paris na segunda-feira de manhã que não posso atrasar. Gostaria de partir logo pela manhã.

—Tudo bem—, disse ela em dúvida, fique com a sua abrupta mudança de assunto. —Então... Vejo você quando voltar.

—Não—, ele disse, de pé. —Agora que as coisas foram decididas, não posso esperar muito mais. Quero que você venha comigo. Você pode sair por alguns dias?

Ele estava falando sério?

—Eu... Acho que sim. Não tenho aula na segunda-feira, mas tenho uma na terça-feira. Acho que poderia perder uma aula, no entanto...

—Ótimo. Vou buscá-la em sua casa às sete horas da manhã de amanhã.

—O que devo levar?

—Seu passaporte. Você tem um, não é?

Ela assentiu com a cabeça.

—Eu estudei por alguns meses em Paris, durante meu último ano. É atual.

—Só seu passaporte e você mesma, em seguida. Eu vou fornecer tudo o que você precisa.

Ela rebateu a falta de ar em sua resposta com praticidade.

—Não podemos sair mais tarde? É quase três horas da manhã.

—Não, sete horas. Eu tenho uma agenda. Você pode dormir no avião. Tenho trabalho que preciso fazer no vôo de qualquer maneira.— Seu olhar cintilou em seu rosto de onde ele estava. Sua expressão suavizou um pouco. —Você vai dormir no avião. Você parece exausta.

Ela começou a dizer que ele parecia cansado também, mas percebeu que ele já não parecia. Todo o cansaço que ela havia sentido nele no início de sua conversa parecia ter desaparecido...

Agora que ele tinha conseguido o que queria.

—Venha aqui, por favor...

Algo sobre o seu tom calmo de autoridade fez congelar o fôlego em seus pulmões. Ela só concordou em parar de correr dele, e ele sabia disso. Será que ele queria provar seu poder sobre ela?

Ela se levantou e se aproximou dele lentamente. Ele estendeu suas mãos ao lado do seu rosto, segurando-a. Seu olhar viajou sobre o rosto, os olhos de anjo escuro brilhando com uma emoção que ela não conseguia entender.

Ele baixou a cabeça e cobriu a boca com a sua. Ele mordeu o lábio inferior e ela abriu, ofegante. Sua língua afundou em sua boca. Um calor percorreu seu sexo. Ah, Deus. Isso, ela poderia entender. A sabedoria murchou no calor deste tipo de desejo. Ela gemeu, o frescor, o imediatismo da sua necessidade alfinetando-a como um tapa contra o músculo tenso.

Na hora que ele levantou a cabeça um momento depois, as coisas estavam úmidas e quentes entre suas coxas.

—Eu quero que você saiba—, disse ele ao lado de seus trêmulos lábios, sensibilizados, —que eu teria parado com isso, se eu pudesse. Vejo você em algumas horas.

Ela ficou ali, incapaz de tomar uma respiração completa até depois que a porta da frente do bar havia se fechado atrás dele.

Capítulo Seis

Francesca foi para a cama naquela noite, mas não caiu no sono. Sua excitação não queria deixá-la. Ela levantou-se antes de seu alarme disparar, fez e bebeu café, comeu um pouco de cereal, e tomou banho. Olhando para o seu armário, ela se sentiu afundar. O que ela poderia usar, que fosse adequado para uma viagem com Ian Noble?

Absolutamente nada do que ela tinha era provavelmente adequado, ela acabou escolhendo seu favorito par de jeans, botas, um top e uma túnica verde-sálvia que a deixavam bem. Se ela não podia ser sofisticada, poderia muito bem ser confortável. Ela levou um tempo modelando e alisando seu cabelo, que estava longo, que raramente ela fazia, e aplicou algum brilho nos lábios e rímel. Ela estudou-se no espelho quando tinha acabado, deu de ombros e saiu do banheiro.

Isso tinha que bastar.

Apesar do fato de que ele disse a ela que não precisava levar nada, ela embalou uma mochila com roupas íntimas, algumas mudas de roupa, roupas de corrida, alguns produtos de higiene pessoal, e seu passaporte. Ela colocou sua bolsa e sua mochila ao lado da porta e entrou na cozinha, onde Davie e Caden estavam sentados à mesa da cozinha. Davie era sempre um madrugador, mesmo em um domingo, mas Caden não era. Francesca recordou que estava queimando dando tudo de si, para terminar um projeto do trabalho.

—Eu estou feliz que peguei vocês—, disse ela, servindo-se de outra xícara de café, embora soubesse que não deveria beber; o nervosismo sobre Ian estar lá em poucos minutos, estava começando a fazer seu estômago turvar. —Estou estarei fora por alguns dias—, disse ela, virando-se para seus amigos.

—Indo para Ann Arbor?— Caden perguntou antes de cortar com o garfo em um waffle encharcado de xarope. Seus pais viviam em Ann Arbor, Michigan.

—Não—, ela disse, evitando o olhar curioso de Davie.

—Onde vai, então?— Davie perguntou.

—Hum... Paris.

Caden parou de mastigar e piscou para ela. Ela começou quando ouviu uma batida rápida na porta da frente. Ela largou a xícara de café no balcão com um baque forte, fazendo o café salpicar-se em seu pulso.

—Eu vou explicar quando voltar—, ela assegurou a Davie quando usou uma toalha para secar seu antebraço. Ela já estava quase fora da cozinha.

Davie levantou.

—Você vai com Noble?

—Sim—, disse Francesca, perguntando por que ela se sentiu tão culpada no momento da admissão.

—Então me ligue assim que puder—, Davie insistiu.

—Tudo bem. Eu te ligo amanhã—, assegurou-lhe.

A última imagem que ela viu quando saiu da cozinha foi a expressão preocupada de Davie. Droga. Se Davie parecia preocupado, geralmente ele tinha razão.

Foi essa uma das mais estúpidas escolhas que ela já fez na sua vida?

Ela abriu a porta da frente e todos os seus pensamentos sobre Davie e sabedoria contra loucura desapareceram. Ele estava nos degraus da frente, usando um par de calças azuis escuras, um colarinho branco aberto, e uma jaqueta com capuz casual. Bem, mesmo se ele parecesse bom o suficiente para ir comer, pelo menos não estava usando um de seus ternos impecáveis, dada a forma como ela estava vestindo.

—Você está pronta?—, Ele perguntou, seus olhos azuis correndo ao longo do comprimento dela.

Ela assentiu com a cabeça e pegou sua mochila e bolsa.

—Eu... Eu não sabia o que vestir—, disse, fechando a porta atrás dela.

—Não se preocupe com isso—, disse ele quando pegou sua bolsa. Ele a olhou quando ela seguiu os passos. Seu coração saltou quando ele deu a ela um de seus raros sorrisos. —Você está perfeita.

Suas bochechas ficaram quentes com o elogio, e ela estava feliz por ele se virar. Ele apresentou-a a seu motorista, Jacob Suarez, um homem de meia-idade latino-americano com um sorriso agradável. Jacob imediatamente pegou e arrumou a mochila de Francesca enquanto Ian abriu a porta do carro para ela.

Ela deslizou para um dos assentos parecidos como sofá, absorvendo o ambiente luxuoso da limusine elegante. As impressões que mais a atingiram foram a agradável, a maciez amanteigada do assento e o cheiro de couro misturado com pimenta e o limpo aroma masculino de Ian. A tela embutida do monitor de televisão estava desligada, mas o laptop de Ian estava aberto em cima da mesa entre os dois bancos de couro. A música clássica tranquilamente ressoava do som estéreo

surround. Bach, os concertos de Bradenberg, ela reconheceu depois de alguns segundos. Parecia uma escolha perfeita para Ian, o homem e a música eram tanto matematicamente precisos e intensamente emotivos. Uma recém aberta garrafa refrigerada de sua marca preferida de soda estava na mesa perto de seu computador.

Ian tirou a jaqueta e deslizou para o banco em frente a ela.

—Você dormiu muito?— Ele a perguntou uma vez que ele estava instalado o carro começou a mover-se suavemente pela rua.

—Um pouco—, ela mentiu.

Ele acenou com a cabeça, seu olhar deslizando sobre o rosto.

—Você está bonita. Eu gosto do seu cabelo assim. Você não costuma ajeitá-lo, não é?

Suas bochechas se aqueceram novamente, desta vez de embaraço.

—Ele toma muito tempo.

—Você tem um monte de cabelo—, disse ele, um pequeno sorriso brincando em seus lábios. Talvez ele tenha notado ela corar. —Não se preocupe, não estou reclamando. Eu gosto de cada fio dele. Você se importaria muito se eu trabalhar?— perguntou com certa relutância abrupta. —Quanto mais puder ser feito aqui e no avião, posso me focar totalmente em você quando chegarmos lá.

—É claro—, ela assegurou, ela ficou desequilibrada por sua rápida mudança de assunto.

Ela não se importou dele trabalhar. Ela gostava de ser capaz de vê-lo enquanto seu foco, singularmente intenso, estava em outro lugar. Ele usava óculos? Ela o observou vestir um par de elegantes lentes. Seus dedos voaram sobre o teclado rápido o suficiente para deixar a assistente administrativa mais proficiente com inveja. Estranho... em pensar que essas mãos grandes e masculinas podem mover-se com tanta precisão.

Ele iria usar as mãos para fazer amor com ela em algum momento em breve. Ela não podia acreditar. Seu primeiro amante ia ser Ian Noble.

Uma sensação pesada, quente estabeleceu em seu baixo ventre e sexo. Ela tomou um gole de sua soda gelada e forçou-se a olhar pela janela. Várias perguntas zumbiam em sua cabeça. No momento em que eles passaram a rota aérea e dirigiram vários quilômetros em Indiana, ela não pôde mais se conter.

—Ian, para onde vamos?

Ele piscou e olhou para cima, dando-lhe a impressão de sair de um transe profundo de concentração. Ele olhou para fora da janela.

—Para um pequeno aeroporto onde guardo meu avião. Estamos quase lá—, disse ele, batendo em alguns botões em seu computador e baixando o monitor.

—Você possui seu próprio avião?

—Sim. Tenho que viajar muito, às vezes, no calor do momento. Um avião é uma necessidade absoluta.

Claro, ela pensou. Ele nunca ficaria satisfeito esperando por nada.

—Eu quero mostrar-lhe algo esta noite em Paris—, disse ele.

—O que?

—É uma surpresa—, disse ele, seus bem torneados lábios firmes formando um pequeno sorriso.

—Eu realmente não gosto de surpresas—, disse ela, incapaz de desviar o olhar de sua boca.

—Você vai gostar dessa.

Ela olhou-o nos olhos e viu o brilho de diversão lá, junto com outra coisa... calor incandescente. Tinha a sensação de que sua dura declaração sobre seus desejos eram precisas.

Como sempre.

Poucos minutos depois, ela olhou para fora da janela, com a boca aberta.

—Ian, para onde estamos indo?—, Exclamou quando Jacob levou-os até uma rampa.

—Dirigindo para o avião.

Eles subiram no jato elegante que estava na pista de um aeroporto de pequeno porte. Ela se sentiu como quando Jonas foi parar na barriga da baleia.

—Eu não sabia que você poderia fazer isso.

Ela olhou para ele, atordoada, quando ele riu, o som baixo áspero, fazendo com que a pele na parte de trás do pescoço e ao longo de seus braços picar na consciência. Ele pegou a mão dela sobre a mesa e puxou-a para o assento ao lado dele. Ele colocou a mão em seu queixo, levantou-o, e seguiu abaixo para cobrir a boca com a sua, imprensando o lábio inferior entre os seus, mordiscando-a. Ele mergulhou sua língua em sua boca e gemeu, seu beijo persuasivo transformado em um voraz.

Ele levantou a cabeça quando ouviu Jacob bater a porta. O carro havia parado totalmente. Ela olhou para ele, meio morta por seu beijo inesperado.

Ele se inclinou e agarrou sua maleta no mesmo momento que Jacob bateu uma vez e então abriu a porta. Francesca seguiu para fora do carro, sentindo-se tonta, animada, e extremamente excitada.

O jato era diferente de tudo que já tinha visto. Eles tomaram um elevador até um segundo nível e entraram em um compartimento de luxo, com um bar, um centro de entretenimento completo com prateleiras, um sofá de couro embutido, e quatro luxuosas, grandes poltronas reclináveis. Cortinas caras cobriam as janelas. Ela nunca teria imaginado nem em um milhão de anos, que estava em um avião.

Ela seguiu Ian no compartimento, com a mão na sua.

—Gostaria de algo para beber?—, Ele perguntou educadamente.

—Não, obrigada.

Ele escolheu um par de poltronas reclináveis que estavam uma de frente para outra, com uma mesa entre eles.

—Sente-se—, disse ele, apontando para a cadeira restante. —Há um quarto, mas eu prefiro que você descanse aqui. A cadeira reclina totalmente, e há um cobertor e travesseiros na gaveta lá—, ele disse, apontando para o centro de entretenimento brilhante de mogno.

—Há um quarto—, ela perguntou, experimentando uma onda de constrangimento ridículo em apenas dizendo a palavra.

Ele se sentou em sua cadeira, imediatamente puxando seu computador e alguns arquivos de sua pasta.

—Sim—, ele murmurou, olhando para ela. —Mas preferiria se você dormisse onde eu possa vê-la. Você é livre para usar o quarto, no entanto, se preferir. É lá—, disse ele, apontando para uma porta de mogno. —E ali é o banheiro, se você precisar dele.

Ela virou-se para que ele não notasse sua reação sem fôlego às suas palavras. Ela voltou um momento depois, carregando o cobertor macio e travesseiro que tinha pego da gaveta. Ele não disse nada, mas ela notou seu pequeno sorriso, enquanto ele começou com seu computador.

Ela se sentou e estudou o painel de controle eletrônico no braço da espreguiçadeira, para descobrir como reclina-lo. Ela começou a fazê-lo.

—Ah, Francesca?— Ian perguntou, sem olhar para cima de sua tela de computador.

—Sim—, ela perguntou, erguendo o dedo do botão de controle.

—Tire a roupa, por favor.

Por alguns segundos, ela apenas olhou. Seu coração começou a pulsar em seus ouvidos. Talvez ele tivesse notado seu estado congelado, porque ele olhou para cima, sua calma expressão. Expectante.

—Pode colocar o cobertor sobre você enquanto dorme—, disse ele.

—Então por que quer eu tire a roupa, se estarei coberta de qualquer maneira—, ela deixou escapar, confusa.

—Eu gostaria de saber que você está disponível para mim.

Um calor líquido brotou através de seu sexo. Deus ajude-a. Ela devia ter tanto um desvio sexual quanto Ian, para responder de modo integral a algumas proferidas palavras.

Lentamente, ela levantou-se sobre as pernas trêmulas e começou a tirar a roupa.

***

Ele apertou o botão de envio em seu computador, mandando um memorando detalhado para sua equipe sênior. Pela qüinquagésima vez nos últimos cinco minutos, ele olhou para o esboço feminino de forma bem torneada enrolada debaixo do cobertor. O minúsculo, subir e descer do cobertor lhe disse que ainda repousava profundamente. Ele poderia ter imaginado dentro de segundos o momento preciso que Francesca tinha finalmente sucumbido a dormir a cerca de cinco horas. Ele estava tão ciente dela. Se ele estava tendo dificuldade de se concentrar, se ele sofria, não poderia culpar a ninguém além de si mesmo. Ele tinha sido o único a insistir que ela tirasse a roupa. Ele tinha sido o único a sentar e olhar, hipnotizado, quando ela tinha removido item após item, enquanto sua boca ficava seca e seu batimento cardíaco começou a pulsar ao longo do eixo de seu pênis.

Toda vez que ele se lembrava dela baixando o olhar e de seu rosto rosado, seu cabelo longo, glorioso balançando ao lado de sua cintura fina, ela nua, seios empinados e deliciosos, grandes mamilos, pernas que poderia fazer um homem chorar de tão longas, bem torneadas, e flexíveis "o pior de tudo" de aparência macia, vermelho matizado – pelos dourados na junção de suas coxas, a quantidade de espaço suficiente para que pudesse ver claramente fenda de seus lábios macios, o sangue começou a bater feroz novamente em seu pênis. Uma vez que ele estava pensando na visão constantemente, tinha praticamente uma ereção sustentada nas últimos cinco horas.

Seria o diabo não tocá-la até hoje à noite, mas ele prometeu a si mesmo tornar esta experiência tão especial para ela quanto pudesse. Uma tortura ainda pior seria tocar e não levá-la. Ele tirou os óculos e se levantou.

Seria uma tortura deliciosa. E ele estava acostumado ao sofrimento.

Ele abaixou no banco ao lado dela. Ela estava deitada de lado, de frente para ele, com o rosto ainda em encantador repouso. Seus lábios estavam um tom mais profundo na cor do que o seu habitual rosa. Seu pênis saltou contra a restrição do tecido de sua cueca boxer. Será que ela, por acaso, se excitaria enquanto dormia?

Ele pegou o cobertor no seu ombro e gentilmente, baixou lentamente todo o caminho até os joelhos, provocando a si mesmo enquanto seu esplendor era totalmente revelado, polegada por tentadora polegada. Sorriu para si mesmo quando ele viu que seus mamilos estavam, de fato, enrugados e apertados. Que tipo de viagens eróticas fazia uma inocente como Francesca em seu sono? Seu olhar cintilou e se prendeu no monte, loiro morango de seus pelos entre as coxas brancas. Aquilo

era umidade brilhando na fenda? Certamente era sua imaginação... Um pensamento desejoso depois de horas de excitação tortuoso.

Ele estendeu a mão sobre a expansão suave de sua barriga lisa. Ela disse que tinha tido excesso de peso quando mais criança, mas não via nenhuma evidência disso. Perder o peso tão jovem deve tê-la salvado de estrias. Sua pele parecia impecável. Ela mudou um pouco em seu sono, seu rosto apertando momentaneamente, antes que ela suspirasse e afundasse de volta no sono. Sua mão baixou em sua pele, acetinada quente. Ele deslizou o dedo em seus pelos sedosos, enterrando-o entre os lábios do sexo que o perseguia noite após noite.

Ele grunhiu de satisfação. Não tinha sido sua imaginação. Sua excitação revestiram seu dedo. Mudou-se, até encontrar seu clitóris, provocando-o com a ponta do dedo, chamando-a para ele dos reinos de seus sonhos. Ele estendeu sua mão por um momento sobre seu sexo exposto, a excitação apunhalando em seu pênis. As coisas estavam quentes, molhada, e divina em sua vagina.

Seu olhar foi em seu rosto quando ela abriu os olhos. Por um segundo, eles só olharam um para o outro enquanto ele estimulava seu clitóris com o dedo. Ele observou como a cor fresca corria em suas bochechas e lábios cheios.

—É para isso que você me queria disponível—, ela murmurou, sua voz baixa e grossa de sono.

—Talvez. Eu não consigo parar de pensar sobre a sua buceta. Estou ansioso para passar o tempo, tanto quanto possível enterrado nela.— Ele deu a seu clitóris uma pressão extra, e assistiu, fascinado, enquanto ela engasgava e mordia o lábio inferior carnudo. Cristo. Ele ia se matar banqueteando-se nela. Ela era uma orgia sem fim de prazer, tudo encapsulado em uma mulher belíssima, fascinante.

—Role de costas—, disse ele, seu dedo ainda arrancando e acariciando entre seus lábios cremosos, sue olhar atento em seu rosto enquanto ele examinava firmemente suas reações sutis para suas manipulações, avaliando-a... aprendendo sobre dela. Sua mão se moveu com ela enquanto ela se deitava de costas. —Agora, afaste as pernas. Quero olhar para você—, ele instruiu rispidamente.

Ela arreganhou as coxas finas. Seu olhar fixo entre as pernas, ele estendeu a mão para o painel de controle, reduzindo o apoio para os pés de sua cadeira. Ele ajoelhou-se diante dela, seu corpo entre os joelhos. Ele tirou a mão e olhou para seu sexo, totalmente encantado.

—Normalmente costumo pedir às mulheres que se depilem para mim—, disse ele. —Isso aumenta a sensibilidade. Faz uma mulher totalmente disponível para mim.

—É isso que você quer que eu faça?—, Perguntou ela. Seu olhar ampliado até seu rosto. Seus olhos escuros e aveludados brilhavam com a excitação.

—Eu não quero que você mude coisa alguma. Você tem a mais bela buceta que já vi. Posso ser exigente, mas até eu sei melhor que qualquer um que não se mexe com a perfeição.

Sua garganta contraia enquanto ela engolia. Ele chegou e usou os dedos para alargar os lábios de seu sexo, expondo cintilantes e escuras dobras rosa e a abertura minúscula manchada de sua vagina. Seu pênis balançou violentamente, sabendo exatamente onde queria estar naquele momento. Ele desejava empurrar sua língua naquele buraco, assim, ter seus sucos deslizando garganta abaixo. Ele ansiava por ela.

Mas se ele a provasse, ele a tomaria, aqui e agora. Isso era uma certeza.

Ele relutantemente levantou-se e sentou-se novamente ao seu lado no braço largo da espreguiçadeira. Ele se inclinou e beijou os lábios que levemente se separaram quando ele retornou acariciar seu clitóris.

—Isso te faz sentir bem?—, ele perguntou, seu olhar correndo sobre seu rosto corado.

—Sim—, ela sussurrou, o fervor de sua resposta o convenceu tanto quanto seus lábios manchados de rosa, bochechas e seios ofegantes. Ele brincou com seu clitóris, dando-lhe uma resposta rápida, suave, indo e voltando atacando com a crista de seu dedo indicador. Ela suspirou, e ele sorriu. Ela estava tão molhada que podia ouvir-se se movendo em sua carne cremosa.

—Você é tão sensível. Eu não posso esperar para ver a que alturas de prazer que eu posso evocar dentro do seu corpo bonito.

Ele esfregou seu clitóris duro, fazendo-a pulsar.

—Ah… Ian,— ela gemeu, torcendo seus quadris, levantando a pélvis contra a sua mão para aumentar a pressão.

—Está tudo bem, linda—, ele sussurrou ao lado de sua boca, arrancando-lhe os lábios quando ela arquejou. —Eu concedo a você o que me nego agora. Goze na minha mão.

Ele observou, andando num inferno de excitação, como a tensão em seu corpo elegante e macio quebrou, e ela gritou de prazer. Ele cheirou o perfume único que cresceu fora de sua pele quando ela gozou. Incapaz de se conter, ele agarrou-a com a sua própria boca, silenciando seus gemidos quase com raiva, saciando sua sede em sua doçura.

Quando seus tremores do orgasmo finalmente se acalmaram, ele rasgou sua boca na dela e enterrou a cabeça na curva de seu ombro e pescoço, ofegante quase tanto quanto ela. Depois de um momento, ele reconheceu que não seria capaz de acalmar sua ereção furiosa ao inalar o cheiro dela, intoxicante.

Ele se ajeitou e levantou, caminhando de volta para sua poltrona.

—Vamos chegar a Paris em breve—, ele murmurou, batendo em seu teclado e percebendo que o dedo que tinha usado para fazer com que ela gozasse ainda brilhava com sua excitação. Ele fechou os olhos por um instante para tirar aquela imagem excitante. Aquele toque parecia queimá-lo, toda vez que ele fechava os olhos. —Por que você não vai para o quarto, lavar-se e se trocar.

—Trocar?—, ela perguntou.

Ele balançou a cabeça e se atreveu a olhar para a sua beleza nua corada pelo clímax. Cristo, ela era bonita: os olhos escuros de uma ninfa, a pele pálida e suave de uma donzela irlandesa, o corpo ágil e voluptuoso de uma deusa romana. Ele resistiu a uma quase imperativa, escura necessidade para atacar e afundar seu pênis no céu dela como algum tipo de animal selvagem.

—Sim. Vou levar você para jantar—, disse ele, breve, de uma vez.

—Você me comprou algo para vestir?— Ela perguntou, com os olhos de ninfa se arregalando de surpresa.

Ele sorriu tristemente e voltou sua atenção para o seu trabalho com esforço monumental.
—Eu disse que ia dar tudo que você precisasse, Francesca.

***

Ela ainda devia estar cansada, porque quando viu a opulenta suíte, surpreendentemente grande da aeronave, ela não ficou atordoada. Talvez fosse porque estava começando a conhecer Ian melhor e sabia que ele nunca ficaria satisfeito com nada menos que a perfeição de bom gosto. Ela abriu a porta do armário, como ele a tinha instruído a fazer, e viu um vestido de noite preto em tricô pendurado no armário.

—Lin pediu para lhe dizer que tudo o que você vai precisar está dentro da gaveta de cima da escrivaninha no armário ou em cima dele—, disse Ian um momento atrás. —Ela diz que a temperatura em Paris será uma agradável noite por volta de 20˚, por isso as meias são opcionais—, ele acrescentou, olhando para seu telefone celular, claramente lendo uma mensagem de texto de sua eficiente assistente.

Dentro da gaveta de mogno embutida, ela encontrou um laço preto requintado com um conjunto de calcinha e sutiã. Ela levantou outro item de renda ébano, confusa, antes de perceber que era uma liga. Uma onda de vergonha passou por ela com o pensamento de Lin organizando em ter estas roupas íntimas disponíveis para ela. Talvez ela trabalhasse com esse tipo de situação para Ian o tempo todo?

Seus dedos correram o último item na gaveta das meias de seda. Ela olhou nervosamente para a porta fechada do quarto e enfiou a liga de volta na gaveta. Mais do que provável, Ian gostaria que ela os usasse, mas ela não tinha ideia de como colocar uma liga e meias. Além disso, Lin disse que meias era opcional, não disse?

Em cima da cômoda tinham duas caixas: uma feita de papelão e uma de couro. Ela abriu a caixa de sapato primeiro e deu um 'oooh' mudo de prazer quando ela viu um preto camurça, super-sexy par de scarpin. Francesca não era muito fã de sapato, até onde possa lembrar seus

sapatos de corrida eram o item mais precioso e caro de roupa que ela possuía, mas o coração de uma mulher devia bater em seu peito depois de tudo, porque ela não podia esperar para experimentar os saltos sofisticados. Ela percebeu a marca e fez uma careta. Os sapatos provavelmente custaram mais do que ela pagou nos últimos três meses de aluguel.

Sentindo-se um tanto emocionada e desconfiada, ela abriu a última caixa. As pérolas brilharam luminosamente contra o revestimento de veludo preto. O colar era requintado de cadeia dupla, os brincos de pino simples. Ambos os itens sintetizavam discreta classe.

Era tudo isso parte de seu pagamento por concordar em deixar Ian possuí-la sexualmente por um período de tempo? O pensamento a enojou um pouco.

Deixando de lado a caixa de couro, ela correu para o banheiro e jogou o cobertor que envolvia em torno de si. Um banho quente a fundamentaria, iria ajudá-la a sair deste sentido surreal que se mantinha rastejando furtivamente em cima dela. Ela torceu uma toalha em volta da cabeça para manter o cabelo seco e ligou a água.

Ela saiu do banheiro alguns minutos mais tarde, sua pele brilhando com o hidratante perfumado que tinha encontrado sobre o balcão. Ela ainda não decidiu sobre o que fazer com todas as roupas caras e joias que Ian tinha fornecido.

—Estamos a cerca de uma hora. Tivemos sorte. As condições estão perfeitas—, uma voz eletrônica de sonoridade masculina disse, a princípio deixando-a em choque. Ela percebeu que era o piloto, que falou através de um microfone em algum lugar. Ela pensou em Ian no outro compartimento, olhando para cima, saindo de sua concentração enquanto se ajeitava quando ouviu o piloto.

Ele esperava que ela vestisse a roupa que tinha comprado. Ele ficaria irritado se ela recusasse. Ela não queria ter outra lutacom ele. Não esta noite. Além disso, ela não tinha concordado com esse empreendimento louco?

Não vendeu sua alma ao diabo, a fim de experimentar o seu toque?

Ela descontou o pensamento melodramático e foi até a gaveta e retirou a calcinha de seda e rendas.

Vinte minutos depois, ela saiu do quarto, sentindo-se extremamente autoconsciente e bastante certa de que ia cair de rosto por causa dos saltos luxuriantes que ela usava. Ian deu um breve olhar para o lado quando ela se aproximou, em seguida, olhou de novo. Sua expressão foi plana quando seu olhar passou por cima dela.

—Eu... não sabia o que fazer com o meu cabelo—, disse ela estupidamente. —Tenho alguns grampos de plástico na minha bolsa, mas eles não pareciam

—Não—, ele disse, de pé. Mesmo usando os saltos, ela ainda era uns bons três ou quatro centímetros mais baixa do que ele. Ele estendeu a mão e passou os dedos pelo seu cabelo solto. Pelo menos ela endireitou-o esta manhã, e não estava muito selvagem depois de seu sono. Parecia próximo ao liso e brilhante para o vestido preto depois que ela penteou, mas mesmo Francesca sendo uma completa idiota sabia que a roupa que usava chamava pediam um penteado de cabelo mais sofisticado. —Nós vamos conseguir algo adequado para você ajeitá-lo amanha. Mas, para esta noite, você pode usá-lo solto. Uma coroa de glória que nunca está fora de lugar.

Ela lhe deu um sorriso incerto. Seus olhos azuis piscaram sobre seus seios, cintura e barriga, fazendo-a corar com calor. Francesca tinha ficado parte horrorizada, parte emocionada ao ver quão perto o vestido de malha fina envolvente abraçou sua figura. O vestido era sensualmente elegante definido, ou pelo menos teria sido em outra pessoa, ela emendou quando estudou o rosto de Ian ansiosamente.

Estaria ele satisfeito? Ela não podia dizer a partir de sua expressão fechada.

—Eu não manterei qualquer uma dessas coisas—, disse ela calmamente. —Elas são demais.

—Eu lhe disse que poderia oferecer-lhe duas coisas neste empreendimento.

—Sim... prazer e experiência.

—Isso me dá grande prazer de ver a sua beleza revelada. Quanto a você, a roupa é parte da experiência, Francesca.— Seu olhar sobre ela afundou, e ele soltou seu cabelo, sua mandíbula parecendo apertar. —Por que você simplesmente não aproveita? Deus sabe que eu vou—, ele disse mais ou menos antes de se virar e ir para o quarto, fechando a porta atrás de si com um clique rápido.

***

Uma hora e meia mais tarde, Francesca sentou-se no meio do Palais-Royal, em uma mesa no histórico restaurante Le Grand Vefour. Ela ficou tão emocionada com a obra de arte voluptuosa, a comida suntuosa, a expectativa do que estava para acontecer naquela noite... pelo constante olhar de Ian, de pálpebras pesadas em que ela mal conseguia engolir a comida, muito menos apreciá-la como deveria.

Toda a experiência era uma sedução mal contida.

—Você quase não comeu—, Ian disse quando o garçom veio limpar os restos de suas entradas.

—Sinto muito—, disse ela, sinceramente, encolhendo-se interiormente com o simples pensamento de quanto dinheiro e esforço foi desperdiçado em sua refeição sublime de carne bourguignon e purê de batatas com oxtails e trufas negras que estava prestes a ser lançado no lixo. O garçom falou interrogativamente para Ian em francês, e ele respondeu em espécie, nunca removendo seu olhar dela. Uma coisa era certa: Ela não foi capaz de tirar os olhos dele desde que ele saiu do quarto do avião, usando uma versão moderna de um clássico smoking com uma gravata preta em vez de um arco, uma camisa branca imaculada, e um lenço dobrado no bolso. Ele andava de cabeça erguida no exclusivo restaurante enquanto a escoltava para a mesa.

—Você está nervosa?—, Ele perguntou em voz baixa, uma vez que o garçom se afastou.

Ela assentiu com a cabeça, intuindo o seu significado. Ela olhou fixamente para seus longos e traumáticos dedos preguiçosamente circulando a base de sua taça de champanhe e reprimiu um arrepio.

—Será que a ajudaria saber que eu estou também?

Ela piscou e olhou para seu rosto. Seus olhos azuis eram como crescentes brilhantes sob suas pálpebras escurecidas.

—Sim—, ela deixou escapar. E depois de uma pausa: —Você está?

Ele acenou com a cabeça, pensativo.

—Por um bom motivo, eu acho.

—Por que você diz isso?—, Ela perguntou em voz baixa.

—Porque estou tão excitado para ter você, que há uma chance de perder o controle. E eu nunca perco o controle, Francesca. Nunca. Mas eu poderia esta noite.

Um rastro de antecipação passou por ela no toque de aviso escuro em seu tom. Por que o pensamento de ver Ian desfeito pela paixão agitava sua própria essência? Ela olhou para cima, surpresa quando o garçom voltou e colocou uma bela sobremesa diante dela e um serviço de prata de café diate de Ian.

—Est-ce qu'il y aura autre chose, monsieur?[1]— O garçom perguntou Ian.

—Non, merci.[2]

—Très bien, bon appétit[3]—, disse o garçom antes de se afastar.

—Eu não pedi isso—, disse Francesca, olhando em dúvida para a sobremesa.

—Eu sei. Eu pedi para você. Coma um pouco. Você vai precisar de energia, linda.— Ela olhou por debaixo de suas pestanas e viu o seu pequeno sorriso. —É a especialidade da casa, noisettes Palet aux. Mesmo se você estivesse cheia de comida, você iria querer isso. Confie em mim—, ele insistiu em voz baixa. Ela pegou o garfo.

---

[1] O senhor gostaria de mais alguma coisa?
[2] Não, obrigado.
[3] Muito bem, uma boa refeição.

Ela deu um pequeno gemido de prazer sensual, um momento depois, como a combinação de bolo, mousse de chocolate, avelã, caramelo e sorvete misturado na sua língua. Ele sorriu, e ela sorriu de volta maliciosamente, pegando outra parte com mais entusiasmo.

—Você fala francês muito bem—, comentou ela antes de deslizar o garfo entre os lábios.

—Não há nenhuma razão que eu não deveria. Sou um cidadão francês, assim como um do Reino Unido. É uma controversa saber se a minha língua nativa é o Francês ou Inglês. As pessoas da cidade falavam francês onde eu cresci e minha mãe é inglesa.

Ela fez uma pausa em sua mastigação, lembrando que a Sra. Hanson contou a ela sobre os avôs de Ian finalmente encontrar sua filha no norte da França e descobrindo um neto também. Ela queria lhe perguntar mais sobre o seu passado.

—Você nunca fala de seus pais—, disse ela com cautela, dando outra mordida.

—Você nunca fala dos seus, também. Você não é próxima a eles?

—Na verdade não—, disse ela, escondendo sua cara feia ao perceber que ele mudou o tópico para longe de si. —Minha vida inteira pensei que eles me reprovavam porque eu estava acima do peso, ou assim pensava. Agora que não estou mais acima do peso, tive que chegar à conclusão de que eles simplesmente não me entendem.

—Eu sinto muito.

Ela encolheu os ombros, brincando com o garfo.

—Nós nos damos bem. Nós não estamos brigando ou qualquer coisa dramática. É só... doloroso ficar perto deles.

—Doloroso?—, ele perguntou, parando quando levantou a taça à boca.

—Não doloroso, eu acho. Somente... estranho—, disse ela, levantando o garfo.

—Eles não apreciam a artista talentosa que você é?

Ela fechou os olhos por um instante em êxtase gustativo quando os sabores derretiam na língua.

—Minha arte só os irrita. Meu pai mais do que minha mãe—, disse ela depois de ter espremido até a última gota de suculência doce fora da confecção e ingestão. Ela alisou o polegar ao longo de seus lábios, capturando um montão de leite com chocolate, mousse com a ponta da sua língua. Deus, era delicioso.

Ela olhou para cima quando Ian jogou o guardanapo na mesa.

—É isso. Hora de ir—, disse ele, empurrando a cadeira para trás.

—O que?—, Ela perguntou, surpresa por sua indelicadeza.

Ele veio para ajudá-la com sua cadeira.

—Não importa—, disse ele severamente, pegando sua mão. —Só me lembre da próxima vez que eu estiver ávido por constrangimento não pedir chocolate.

Um prazer inundou-a em seu comentário, a potência dele era muito maior do que até mesmo a conferida pelo deliciosas noisettes Palet aux.

***

—Onde é que você mora?— Francesca perguntou-lhe alguns minutos mais tarde quando Jacob seguiu por uma escura, quase deserta rue du Faubourg Saint-Honoré. Ao contrário de sua viagem do aeroporto para o restaurante, quando ele sentou ao lado dela na limusine, sua rápida mão na sua, Ian agora se sentou frente a ela, seu modo distante, enquanto ele olhava pensativamente para a janela.

—No Hotel George V. Mas não vamos para lá.

—Então, onde...

O carro ficou mais lento. Ele acenou com a cabeça para fora da janela significativamente. Seus olhos se arregalaram quando reconheceu a forma e arquitetura do edifício ornamentado do Segundo Império que alcançava o quarteirão inteiro.

—O Museu de Saint-Germain?—, ela perguntou, brincando. Ela estava familiarizada com o museu de antiguidades gregas e italianas de seus dias de graduação de estudo em Paris. O museu foi instalado em um dos poucos remanescentes palácios privados deixados na cidade.

—Sim.

O riso morreu em seus lábios.

—Você está falando sério?

—É claro—, disse ele calmamente.

—Ian, é meia-noite em Paris. O museu está fechado.— Jacob parou a limusine. Um momento depois, o motorista bateu uma vez na porta traseira antes de abrir. Ian saiu e pegou a mão dela quando ela desceu na rua arborizada, mal iluminada. Ele sorriu quando ela olhou em dúvida para ele, e então pegou a mão dele.

—Não se preocupe. Nós não vamos ficar muito tempo. Estou tão ansioso para voltar para o hotel como você. Mais até—, acrescentou ele em voz baixa. Ele a guiou para a calçada e para a entrada de uma porta. Para sua grande surpresa, um homem elegante com cabelo grisalho respondeu imediatamente quando Ian bateu na porta de madeira grossa.

—Sr. Noble—, ele cumprimentou com o que parecia ser uma mistura de prazer e respeito. Eles entraram, o homem fechou a porta atrás de si antes de tocar os dedos sobre um teclado. Francesca ouviu um clique de bloqueio alto. Uma luz verde começou a piscar no que parecia ser um elaborado sistema de segurança.

—Alaine. Eu não posso agradecer o suficiente por este favor especial—, Ian cumprimentou calorosamente quando o outro homem se virou. Os dois homens apertaram as mãos dentro de uma mal iluminada entrada de mármore branco quando Francesca olhou em volta, confusa, mais curiosa. Esta não era uma entrada para o passeio público.

—Bobagem. Não é nada—, disse o homem em voz baixa, como se isso fosse algum tipo de missão noturna clandestina.

—Como está sua família? Monsieur Garrond está bem, espero?— Ian perguntou.

—Muito bem, embora nós dois sejamos como gatos deslocados no momento presente enquanto fazemos grandes reformas em nosso

apartamento. Estamos ficando muito velhos para ter nossas rotinas interrompidas, eu estou com medo. Como está o Senhor Stratham?

—A vovó diz que ele está um urso depois de sua cirurgia no joelho, mas sua obstinação é um ativo neste caso. Ele está se recuperando bem.

Alaine riu.

—Por favor, dê a ambos meus cumprimentos da próxima vez que vê-los.

—Eu vou, mas você provavelmente vai vê-los antes de mim. Vovó planeja participar da abertura da exposição Polignoto na próxima semana.

—Nós temos sorte—, Alaine disse, sorrindo, e Francesca não podia evitar, mas sentindo que ele quis dizer isso inteiramente. Seu olhar caiu sobre Francesca com interesse educado. Ela claramente sentiu a sua inteligência e curiosidade.

—Francesca Arno, eu gostaria que você conhecesse Alaine Laurent. Ele é o diretor do St. Germain.

—Srta. Arno, bem-vinda—, disse ele, tomando-lhe a mão. —Sr. Noble me disse que é uma artista talentosa.

Calor correu através dela ao reconhecimento de que Ian a tinha elogiado.

—Obrigada. Meu trabalho não é nada do que você entra em contato todos os dias em seu trabalho aqui. Eu adorava vir para o St. Germain, quando era estudante de graduação estudando em Paris.

—É um lugar de inspiração, assim como a arte e a história, não é?—, Disse ele, sorrindo. —Espero que a peça que Ian mostre hoje à noite irá fornecer sua própria inspiração especial. Estamos muito orgulhosos de tê-la aqui no St. Germain—, disse ele misteriosamente. —Vou deixar vocês por conta própria então. Tenho tudo arranjado para vocês. Tenha certeza de que não serão perturbados. Eu desliguei a vigilância do salão de Fontainebleau para sua curta visita lhes darei um pouco de privacidade. Estou trabalhando na ala leste, se precisarem de mim,— Monsieur Laurent disse.

—Nós não iremos. E eu quero agradecer novamente por esta consideração. Sei que foi um pedido incomum—, disse Ian.

—Eu tenho fé completa que você não faria isso sem um motivo excelente,— Monsieur Laurent disse suavemente.

—Eu vou chamá-lo quando terminar com a visualização. Não será longa—, assegurou Ian.

Monsieur Laurent deu um ligeiro aceno que parecia completamente natural e gracioso e foi embora.

—Ian, o que estamos fazendo?— Francesca sussurrou acaloradamente quando ele começou a levá-la por uma ofuscante, passagem arqueada na direção oposta do que Monsieur Laurent tinha partido.

Ele não respondeu imediatamente. Era difícil manter-se com seu passo de pernas longas em seus saltos agulha. Eles rapidamente começaram a penetrar as passagens nas entranhas do edifício enorme, venerável, eventualmente, entrando em áreas do museu que ela reconhecia. Era um museu do estilo de uma galeria. O interior do St. Germain era como um palácio residencial que tinha sido preservado. Caminhando pelas salas dava a impressão de voltar no tempo para um luxurioso, elegante,

palácio do século XVII mostrando o mobiliário de valor inestimável e peças incríveis de arte grega e romana.

—Você quer que eu pinte alguma coisa para você, e a inspiração está aqui no St. Germain?— Ela incitou.

—Não—, ele disse, sem olhar para ela quando a puxou junto, o som de seus saltos no chão de mármore ecoando com teto alto e arcos de mármore deslumbrantes.

—Por que você está com tanta pressa?—, Ela perguntou, incrédula.

—Porque disse a mim mesmo que queria te dar essa experiência, mas também estou ansioso para levá-la ao hotel.— Ele disse isso com uma naturalidade que ela estava sem palavras quando passaram salões da direita e esquerda, as imagens de estátuas congeladas apenas aumentando sua sensação de irrealidade. Ela pensou que as coisas tinham sido surreais todo o dia, mas andando pelos corredores de um quase deserto palácio, ao lado do silencioso Ian a deixou verdadeiramente desorientada. Ele marchou para um familiar salão longo, estreito e de repente chegou a um impasse.

Ele parou tão de repente que ela quase caiu a frente em seus saltos altos, o cabelo caindo no rosto. Ela percebeu o que Ian estava olhando e olhou para cima, confusa. Sua boca se abriu em reverência.

—Afrodite de Argos,— ela engasgou.

—Sim. O governo italiano mandou por empréstimo para nós por seis meses.

—Nós—, ela sussurrou em voz baixa, enquanto olhava para a estátua de Afrodite inestimável. Luar aparecia através da coluna arqueada de

claraboias no teto construído, banhando o salão e a estátua com luminescência suave. O tronco retorcido e a graciosa expressão sublime trabalhavam no mármore branco frio impressionantemente enquanto ela brilhava das sombras drapejadas.

—O Palácio de St. Germain pertence à família do meu avô. James Noble é o patrono do museu. Sua coleção é uma de suas muitas contribuições para a oferta pública para aqueles que compartilham de seu amor por antiguidades. Eu sento-me à mesa do St. Germain, assim como a minha avó.

Ela olhou para ele, sua admiração e reverência aberta quando ele estudava a estátua a deixando surpreendida. Agradável surpresa. Ele era geralmente tão estoico. Havia profundidade em Ian Noble que ela não podia imaginar.

—Você adora essa peça—, afirmou mais do que perguntou, lembrando da miniatura que tinha em seu apartamento em Chicago.

—Gostaria de tê-la se pudesse—, admitiu. Seu sorriso lhe pareceu um pouco triste. —Mas você não pode possuir Afrodite, você pode? Ou assim me disseram.

Ela engoliu em seco. Uma estranha sensação de tontura veio sobre ela enquanto estava lá com este atraente homem enigmático.

—Por que você ama em particular esta peça?— ela perguntou.

Ele olhou para ela, luar fazendo suas características ousadas tão atraentes como Afrodite.

—Além do talento e da beleza? Talvez por causa do que ela está fazendo—, disse ele.

Suas sobrancelhas se juntaram quando ela olhou novamente para a estátua.

—Ela está tomando banho, não é?

Ele acenou com a cabeça. Ela sentiu seu olhar em seu rosto.

—Ela está participando de seu ritual diário de pureza. Todos os dias, Afrodite lava-se e surge de novo. É uma fantasia agradável, não é?

—O que você quer dizer?— Ela perguntou quando olhou para ele, enlaçada por seu rosto sombreado e o brilho do luar em seus olhos. Ele estendeu a mão. Seus dedos estavam quentes em seu rosto, mas ela tremia, no entanto.

—Que nós podemos lavar os nossos pecados. Eu continuo carregando o meu, Francesca—, disse ele calmamente.

—Ian—, começou, compaixão passando por ela em seu tom. Por que ele estava tão convencido de que estava contaminado?

—Não importa—, disse ele, interrompendo-a. Ele virou-se para encará-la totalmente, colocando as mãos em sua cintura e puxando-a contra seu corpo. Seus olhos se arregalaram. Com seus saltos, ela estava mais alinhada ao seu corpo que o habitual. Ela podia sentir seus testículos pressionando contra a parte superior de seu púbis e o cume denso de seu pênis montando ao longo de sua coxa esquerda. Como ele poderia estar tão duro quando mal tinham se tocado? Era esse o trabalho de Afrodite? Ela perguntou em um voo de fantasia.

Sua mão aberta ao longo do lado de sua mandíbula, levantando seu rosto para a luz do luar. Seu coração começou a rufar uma batida

primitiva contra seu peito. Ele empurrou seus quadris, fazendo o ar sair de seus pulmões com a evidência de sua excitação total. Seus dedos flexionados em seu quadril. Sua cabeça caiu, e ele roçou seus lábios contra os dela, como se ele tentasse inalar o fôlego dela.

—Deus, eu quero você—, disse ele quase com raiva, antes de capturar-lhe a boca com a sua, sua língua separando seus lábios. Entrar em contato total com ele era como se de repente ser submersa em um incêndio. A força dele, seu gosto, a inundava. Ela cambaleou um pouco nos calcanhares, e ele a pegou com mais força contra ele, seu corpo se moldando contra fortes, implacáveis músculos e rígida excitação masculina. Ela nunca tinha experimentado tão concentrado desejo masculino. Será que ele sentia esse inferno nele o dia todo? Durante toda a semana?

Ela gemeu em sua boca, uma fusão de carne feminina contra o calor duro masculino. Suas mãos deslocaram para o cinto de seu vestido. Quando ele selou seu beijo aproximadamente um momento depois, Francesca sentiu-se tonta de emoção. Ele deu um passo para trás. Os lados de seu vestido se abriram, expondo sua pele nua à luz da lua. Ele empurrou o material de lado, expondo seu corpo quase nu. Seu olhar passou por cima dela. Sua respiração presa em seus pulmões quando viu a reverência em suas feições rígidas misturando-se com ardente desejo. Suas narinas se abrindo ligeiramente.

—Eu quero que você lembre-se disso para o resto de sua vida—, disse ele abruptamente.

—Eu vou—, ela respondeu sem hesitação, quem poderia esquecer uma experiência dessa?, Embora ela estivesse perplexa com o significado por trás de suas palavras.

—Sente-se aqui—, disse ele, colocando as mãos nos quadris dela.

Ela abriu a boca para expressar sua confusão, mas ele estava guiando-a ao pedestal de mármore em torno Afrodite. Ela sentou-se e sentiu o mármore frio, duro debaixo do tecido fino do vestido. Ian colocou as mãos sobre os joelhos e os espalhou. Ele ajoelhou-se diante dela.

—Ian—, ela perguntou confusa.

Estavam suas mãos tremendo quando ele deslizou sua calcinha para baixo de suas coxas e sobre os joelhos? Seu sexo se apertou em antecipação crescente.

—Eu pensei que poderia esperar. Mas não posso—, ele murmurou, e ela ouviu o arrependimento duro em seu tom. Ele olhou para o rosto dela enquanto suas mãos acariciavam suas coxas e quadris, e ela se sentiu aquecer sobre o mármore frio. —Se eu não provar você agora, acho que vou morrer. E se eu provar você, não serei capaz de parar. Vou ter que transar com você aqui e agora.

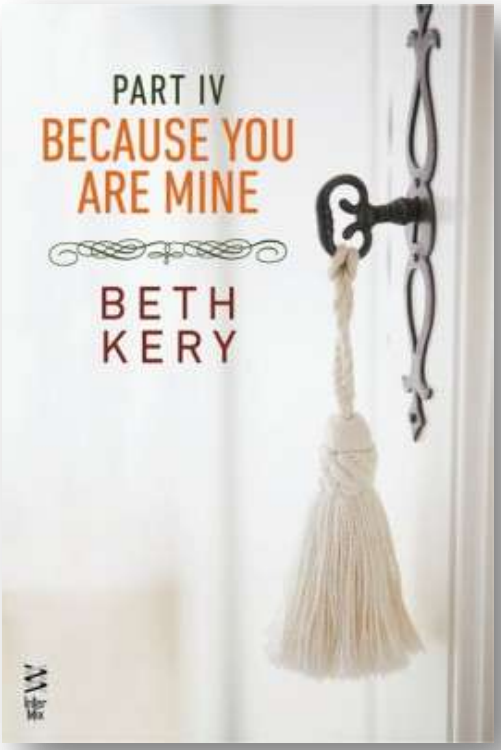
—Oh, Deus—, ela gemeu com voz trêmula. Ela sentiu o aumento cada vez mais familiar de calor líquido entre as coxas. Sua cabeça escura baixando para seu colo. Suas mãos separaram mais suas pernas por seu arrebatamento. Seus olhos se arregalaram na sensação da ponta da língua, quente e elegante enterrando entre seus lábios, esfregando e esfaqueando seu clitóris.

Ela agarrou seu cabelo grosso e choramingou. Sua cabeça caiu para trás. No meio nebuloso de seu êxtase voluptuoso, ela vislumbrou Afrodite assistindo sua iniciação com satisfação, calma suprema.

Continua...

PORQUE VOCÊ É MEU: PARTE IV

PORQUE VOCÊ DEVE APRENDER



Sinopse

De um jato privado de luxo para um encontro ousado em um museu público para a intimidade de um hotel de luxo, Ian e Francesca sempre que se reúnem suas faíscas são inflamadas. Mas quando Francesca desaparece para uma manhã sozinha, ela descobre um tom inesperadamente novo em Ian. É raiva, inveja, ou algo totalmente diferente?

Chocada com o grau da reação de Ian, Francesca se pergunta por que toda a sua vida é regida por disciplina, contenção e ordem. Apenas durante a paixão que ele lhe mostra as profundezas de sua alma cativante. Ela está disposta a se submeter ao desejo, mas com cada movimento controlado é algo que nunca pode aceitar. Em seguida, Francesca começa a descobrir o que é que faz um homem como Ian fazer as coisas que ele faz...